

---

## **Aids e Linguagem: a Metaforização Militar da Doença e os Sentidos Produzidos na Revista Veja na Década de 1980<sup>1</sup>**

Caroline Knup TONZAR<sup>2</sup>

Reinaldo César ZANARDI<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

### **RESUMO**

O uso de metáforas militares para se referir a doenças ocorreu com enfermidades como a tuberculose, o câncer e, posteriormente, com a Aids. Apesar de parecerem não significativas, essas palavras podem gerar sentidos negativos por causa do uso, já que são responsáveis por estigmatizar a doença e, por extensão, os doentes. Para refletir sobre o tema na mídia impressa brasileira, este artigo analisa a presença de metáforas bélicas em relação ao HIV/Aids na reportagem “Aids: os que vão morrer contam sua agonia”, publicada pela revista Veja em 1988. A pergunta que rege a pesquisa é: como a metaforização militar da Aids aparece na reportagem? A metodologia utilizada é a análise de conteúdo, baseada em um cruzamento das teorias de Bardin (1977) e Sontag (2007). Como resultado, observa-se a presença das metáforas e sua relação com a morte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aids/HIV; linguagem e sentidos; metáforas; revista Veja; morte.

### **Introdução**

De acordo com o “Livro dos Símbolos” (THE ARCHIVE, 2012), todas as doenças são interpretadas pelas sociedades com base em valores sociais e culturais. No entanto, é possível afirmar que, no Ocidente, as enfermidades possuem uma significação negativa que, na maioria dos casos, relaciona a conceitos de doença e de morte. Essa relação é apontada por Sontag na obra “Doença Como Metáfora/Aids e Suas Metáforas”. No livro, a autora explica que a associação entre doença e morte é reforçada pelo uso de metáforas militares para se referir às enfermidades.

A Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é causada pelo vírus HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e teve seus primeiros casos registrados no início da década de 1980 e, até o momento, não há consenso científico sobre como o vírus surgiu e se tornou pandêmico, o que causou pânico na sociedade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na II01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: caroline\_tonzar@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor de Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e doutor em Estudos da Linguagem pela UEL, e-mail: rczanardi@gmail.com.

---

No início da epidemia, o desconhecimento era presente nos laboratórios e academias. Os cientistas não conheciam, por exemplo, o agente causador da doença, os modos de contágio e as práticas de risco. Por conta da falta de informação sobre a doença e pelo número de mortes registradas em decorrência, Soares (2001) aponta que a Aids foi responsável por tirar do câncer o título de doença mais temida pela sociedade. O autor afirma que a Aids tinha potencial para ser considerada o “maior mal da história da humanidade até hoje” (SOARES, 2001, p. 11).

De acordo com dados do UnAids (2018) (Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids), 77,3 milhões de pessoas foram infectadas pelo vírus HIV - do início da epidemia até o fim do ano de 2017. Desse total, 35,4 milhões de pessoas morreram em decorrência de doenças oportunistas. É importante lembrar que ninguém morre de Aids. A morte ocorre porque o vírus HIV enfraquece o sistema imunológico, o que deixa a defesa do corpo humano debilitada, facilitando a entrada de patógenos de doenças oportunistas, como a tuberculose.

Com o desconhecimento científico e o pânico geral instalado, a sociedade passou a observar uma característica comum no comportamento dos doentes de Aids: a maioria dos pacientes era formada por homens homossexuais. Por isso, uma parcela da sociedade começou a conhecer a nova doença como “câncer gay” ou “peste gay”. Com as denominações em voga, ideias de castigo divino começaram a circular no imaginário social: homossexuais estavam doentes e morriam em decorrência da nova doença porque era da vontade divina, um castigo.

Normalmente, as epidemias é que são consideradas pestes. E essas ocorrências de doença coletiva são encaradas como castigos impostos. A ideia da doença como castigo é a mais antiga explicação da causa das doenças – uma ideia que se opõe toda a atenção dada aos doentes que mereça o nobre nome de medicina (SONTAG, 2007, p. 66)

As primeiras descobertas significativas sobre o HIV/Aids ocorreram em 1983, quando dois cientistas<sup>4</sup> do Instituto Pasteur de Paris, na França, isolaram o vírus retirado de um linfonodo de um paciente dos Estados Unidos. Com o estudo, os pesquisadores conseguiram determinar que a nova doença era causada por um vírus, que foi denominado de HIV. Três anos mais tarde, em 1986, a mesma equipe de cientistas isolou o vírus proveniente de um doente de Guiné-Bissau, país do continente africano.

---

<sup>4</sup> Françoise Barré-Sinoussi e Jean-Claude Chermann, liderados por Luc Montagnier

---

Com o novo estudo, foi possível determinar um outro tipo do vírus HIV que, conforme explica Soares (2001, p. 24) foi chamado de HIV-2.

Com as novas descobertas, informações importantes puderam ser divulgadas, a exemplo dos meios de infecção do vírus: relação sexual sem preservativo; compartilhamento de seringas; transfusão sanguínea; acidentes com objetos perfurocortantes; parto e amamentação.

Mesmo com as descobertas científicas sobre a doença, o HIV/Aids continuou envolto pela atmosfera da “praga gay”, estigma que permanece até hoje na sociedade. Com a divulgação dos meios de contágio, a sociedade passou a dividir os pacientes em dois grupos: vítimas inocentes e vítimas culpadas (SONTAG, 2007, p. 52). No caso do HIV, eram consideradas vítimas inocentes aquelas pessoas que foram infectadas pelo vírus em situações chamadas de “acidentais”, como crianças e pacientes que necessitaram de transfusão sanguínea.

Por outro lado, as vítimas culpadas eram as pessoas que tiveram contato com o vírus ao compartilhar seringas no uso de drogas intravenosas e ao praticar uma relação sexual desprotegida, especialmente os homossexuais. “Toda sociedade, ao que parece, precisa identificar uma determinada doença como o próprio mal, uma doença que torne culpadas as suas ‘vítimas’ [...]” (SONTAG, 2007, p. 52).

Com a divisão dos doentes em vítimas inocentes e vítimas culpadas, um fenômeno linguístico é utilizado para caracterizar o doente culpado como inimigo: as metáforas militares que, nesse caso, são deslocadas do contexto bélico para o campo da saúde. De acordo com Sontag (2007, p. 53), essas palavras foram utilizadas para se referir a diversas doenças, como a tuberculose, a sífilis e o câncer. Entretanto, para a autora, as metáforas bélicas evocadas pelo HIV/Aids possuem uma conotação diferente:

[...] as metáforas militares usadas para descrever a Aids têm uma ênfase um pouco diferentes das utilizadas na descrição do câncer. No caso do câncer, a metáfora deixa de lado a questão da causalidade (um aspecto da doença ainda obscuro) e focaliza o momento em que as células rebeldes dentro do corpo entram em mutação, por fim saindo do local ou órgão original para atacar outros órgãos ou aparelhos – um processo de subversão interna. No caso da Aids, o inimigo é o elemento que causa a doença, um agente infeccioso que vem de fora (SONTAG, 2007, p. 53)

Como Sontag (2007) aponta, a Aids era uma doença causada pelo que vem de fora. Nesse caso, além de evocar situações de preconceito e discriminação contra

---

homossexuais, o HIV também era responsável por casos de xenofobia. Sontag (2007, p. 73) afirma que as epidemias quase sempre desnudam a ideia da proibição de entrada de estrangeiros em países ricos: “[...] a propaganda xenófoba representa o imigrante como portador de doenças [...]”.

Diante do contexto exposto, este artigo pretende responder ao problema: como a metaforização militar da Aids aparece na reportagem “Aids: os que vão morrer contam sua agonia”, publicada na edição 1.040 da revista *Veja* de agosto de 1988. Para o estudo, foi utilizada como metodologia a análise de conteúdo baseada em um cruzamento dos estudos de Bardin (1977) e Sontag (2007).

Bardin (1977) explica que a análise de conteúdo é dividida em três fases, denominadas de polos cronológicos. O primeiro polo é a pré-análise, que consiste na fase de organização. Nela, Bardin (1977) aponta que existem três objetivos: escolher os documentos e objetos que serão analisados na pesquisa; formular hipóteses sobre o objeto e elaborar indicadores que vão nortear a análise final da pesquisa. Para este artigo, o objeto escolhido na pré-análise é a reportagem de capa da edição 1.040 da revista *Veja*, sob a ótica da teoria de Sontag (2007). Desse modo, formulou-se a seguinte hipótese: o uso das metáforas militares aparece na reportagem e é responsável por estigmatizar a doença e o doente, além de estreitar a relação entre HIV/Aids e morte.

Em relação aos outros polos cronológicos, Bardin (1977) explica que só é possível passar para eles se a fase de pré-análise estiver concluída com sucesso. Assim, o segundo polo é denominado de exploração do material, fase em que o pesquisador deve analisar o objeto e codificar, de acordo com a teoria escolhida, aquilo que o objeto quer passar. Já a terceira fase, a última, consiste na interpretação dos resultados obtidos na exploração do material. Na metodologia de Bardin (1977), a autora indica que a análise deve ser avaliada pelo pesquisador que, se quiser, pode lançar mão de dispor os resultados em tabelas.

### **A metaforização militar de doenças**

A teoria escolhida para analisar, por meio da análise de conteúdo de Bardin (1977), a reportagem da revista *Veja* é a de Sontag (2007). De acordo com a autora, desde que a história humana é documentada, sabe-se que o mundo passou por diversas epidemias que ceifaram vidas e devastaram lugares. Desse modo, Sontag (2007, p. 6)

---

avalia que todas as pessoas nascem com uma dupla cidadania: a que se tem quando está saudável, denominada de reino dos sãos, e a que se tem quando está doente, o que a autora chama de reino dos doentes. Assim, Sontag (2007) aponta que todos os humanos transitam entre esses dois reinos e, para isso, devem aprender a lidar com as fantasias que são criadas em torno das enfermidades.

Na obra “Doença Como Metáfora/Aids e Suas Metáforas”, Sontag (2007) explica que todas as doenças estão envolvidas por metáforas. Dois exemplos são a tuberculose e o câncer. Apesar de serem circundadas por metáforas, o sentido varia: a tuberculose, doença que no século XIX era incurável e levou milhares de pessoas à morte, tinha uma conotação positiva. Na Europa, a enfermidade era vista de uma forma romantizada, já que se acreditava que a doença era responsável por despertar o desejo sexual no doente. Já com o câncer, o sentido da metáfora se inverte: ter câncer não era considerado afrodisíaco e, por isso, possuía uma conotação negativa. Desde o início da descoberta do câncer, a doença foi vista como um processo que consome o corpo.

Especialmente no caso do câncer e, posteriormente no do HIV/Aids, Sontag (2007) aponta a existência de metáforas militares. E o que são essas metáforas? São palavras transferidas de um contexto bélico para se referir a uma determinada doença. Assim, palavras como “mal”, “inimigo”, “luta”, “combate”, “inimigo” e “soldado” podem ser consideradas metáforas militares.

Essas palavras eram – e, em alguns casos, ainda são – veiculadas por veículos de comunicação e por campanhas governamentais, além de fazerem parte do imaginário coletivo e estarem presentes em conversas informais. Para Sontag (2007), a militarização da doença surge logo no início da epidemia. Isso ocorre porque, sempre que uma nova doença surge, não há conhecimento suficiente sobre ela, o que fomenta o terror na sociedade.

Mesmo que não pareça significativa, o uso de metáforas bélicas para se referir às doenças traz consequências sociais negativas graves. “As metáforas militares contribuem para a estigmatização de certas doenças e, por extensão, daqueles que estão doentes” (SONTAG, 2007, p. 50).

Sontag teve câncer em um período da sua vida e, quando estava em tratamento, pôde constatar como os efeitos das metáforas militares podem ser destrutivos para um paciente:

---

Eu constataria muitas e muitas vezes o triste fato de que as roupagens metafóricas que deformam a experiência do paciente de câncer têm consequências bem reais: elas o inibem, impedindo-o de procurar tratamento bem cedo e de se esforçar mais no sentido de receber um tratamento competente: eu estava convencida de que as metáforas e os mitos podiam matar (SONTAG, 2007, p. 51)

O que ocorreu com a Aids não foi diferente. Pode-se afirmar que, de certo modo, em comparação com o câncer, as consequências sociais produzidas pelas metáforas na Aids e nos doentes de Aids foram ainda piores do que com os doentes de câncer. Isso porque o HIV é, desde o início, estigmatizado, o que ocorreu por uma série de fatores. Em primeiro lugar, após as descobertas dos modos de infecção realizadas em 1983, soube-se que a Aids era uma IST (Infecção Sexualmente Transmissível). Apesar de existirem outros meios de infecção pelo vírus HIV, a doença carregava em si o tabu sobre sexo. Além disso, no início da epidemia, grupos marginalizados pela sociedade eram os mais afetados pela doença, como homossexuais, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo.

A visão do HIV/Aids evocada pelo uso das metáforas bélicas influenciou no modo como a mídia passou a tratar a doença. Lima (2000 p. 4) afirma que a Aids apresenta um terreno fértil para diversos tipos de metáforas, que vão desde médicas até políticas. Spink *et al* (2001) argumentam que a imprensa foi responsável por fazer a Aids existir na sociedade, bem como fomentaram o repertório negativo que envolvia a doença no início da epidemia. Entretanto, os autores apontam que os preconceitos evocados pela mídia permanecem na sociedade até a atualidade.

Spink *et al* (2001) apontam que a Aids configurou um novo fenômeno midiático, o que os autores denominaram de Aids-notícia. O conceito pode ser entendido como a facilidade que a doença possuía para instigar a produção de materiais jornalísticos. Isso ocorria porque, especialmente no início da epidemia, o assunto era de interesse público – todos queriam saber sobre a nova doença por curiosidade e/ou por pânico. Além do interesse, o tema era pertinente aos profissionais da imprensa porque possibilitava a abrangência de vários enfoques – não era incomum, na década de 1980, assistir ou ler reportagens que não só falavam da Aids como doença, como também apontavam e culpavam os doentes, por exemplo.

O terceiro fator apontado pelas autoridades na Aids-notícia tem relação com os conceitos de exclusividade e ineditismo. A doença protagonizava uma nova epidemia que, a cada dia, trazia novas descobertas. A soma das características da Aids-notícia

---

fomentavam a produção jornalística de todos os meios de comunicação, o que atraía a atenção dos leitores e contribuía para maior faturamento dos veículos.

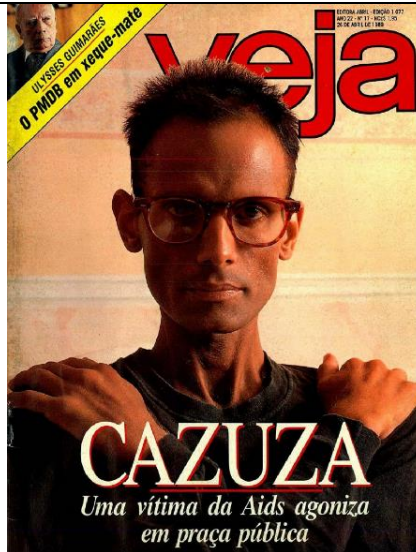
De acordo com Sontag (2007), as metáforas militares usadas para se referir ao HIV/Aids, especialmente no que se refere à mídia, foram responsáveis por transformar o doente em vítima, mas uma vítima que nem sempre era vista pela sociedade como inocente. Às vítimas culpadas é atribuída a responsabilidade não só por ter sido infectadas pelo vírus, como também por serem potenciais transmissores da doença.

[...] as guerras contra doenças não são apelos por mais empenho e mais gastos na área da pesquisa. A metáfora dá forma à visão de uma doença particularmente temida como um ‘outro’ alienígena, tal como o inimigo é encarado nas guerras modernas; e a transformação da doença em inimigo leva inevitavelmente à atribuição de culpa ao paciente, muito embora ele continue sendo encarado como vítima. A ideia de vítima sugere inocência. E inocência, pela lógica inexorável que rege todos os termos relacionais, sugere culpa (SONTAG, 2007, p. 50).

Com a ideia de atribuir culpa aos doentes de Aids, é possível inferir que a linguagem utilizada pelos meios de comunicação, bem como a abordagem jornalística dada ao texto, tem poder para direcionar não somente a interpretação do leitor, mas também a opinião que ele vai formular sobre o tema. Com o uso de metáforas militares para se referir à Aids na mídia, o Brasil apresenta casos emblemáticos, como a capa da edição da revista *Veja* de 26 de abril de 1989, que mostra o cantor Cazuza magro e fragilizado pela Aids. A reportagem foi alvo de críticas porque antecipou a morte do cantor antes que ela ocorresse de fato (RIBEIRO, 2018).

**Imagem 1** – Capa da edição 1.077 da revista *Veja* de 26 de abril de 1989.

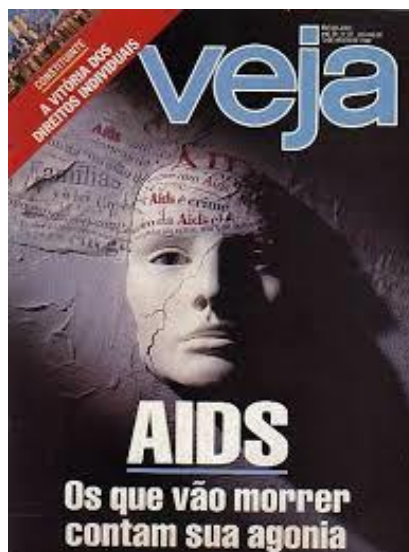




Fonte: Acervo digital da revista Veja

Outro material jornalístico, objeto deste artigo, que suscitou polêmicas foi a reportagem “Aids: os que vão morrer contam sua agonia”, capa da edição 1.040 da revista Veja, de agosto de 1988. A presença de metáforas militares na reportagem direciona a interpretação do leitor para enxergar as vítimas como culpadas, além de estreitar a relação entre Aids e morte. Desse modo, é importante que os jornalistas estejam atentos ao vocabulário, às imagens e aos elementos gráficos que compõem um material jornalístico.

**Imagem 2** – Capa da edição 1.040 da revista Veja de 10 de agosto de 1989.



Fonte: Acervo digital da revista Veja



---

## Revista Veja

Na edição 1.040 da revista *Veja*, publicada em 10 de agosto de 1988, a reportagem de capa aborda a temática da rotina de médicos, de enfermeiros e de pacientes em grandes hospitais do Brasil. Já na capa é possível identificar uma metáfora que tem proximidade com o campo semântico da guerra: o substantivo “agonia”. De acordo com o dicionário online Michaelis (2019), agonia significa “estado de aflição que antecede a morte”. O vocábulo faz referência ao sofrimento que, por sua vez, está relacionado à morte – exemplo disso pode ser encontrado em reportagens jornalísticas que tratam sobre guerras, como em “Como armas químicas ajudaram Assad a estar perto da vitória na Síria”, na qual a autora, Al-Maghafi (2018), afirma: “As imagens terríveis de vítimas convulsionando em agonia chocaram o mundo”.

A metáfora militar constituída pelo substantivo agonia é reforçada pelo início da frase: “aqueles que vão morrer”. Em guerras, é sabido que soldados ficam feridos e agonizam por muito tempo até morrerem. No caso do objeto analisado, a revista *Veja* coloca os doentes de Aids como pessoas atingidas por um inimigo (o HIV) e estão, em agonia, à espera da morte. Assim como ocorreu com a edição que traz Cazuza na capa, a reportagem desta análise antecipa a morte de todos os personagens que aparecem em suas páginas.

Internamente, em dez páginas de reportagem, profissionais de saúde e pacientes de grandes hospitais do Brasil têm sua rotina exposta. Os jornalistas responsáveis pela matéria utilizam inúmeras metáforas militares que aparecem em todas as páginas. Além dos profissionais de imprensa, é importante destacar que o uso das metáforas bélicas também é encontrado nas falas dos entrevistados, sejam eles profissionais da saúde ou pacientes. É possível, desse modo, inferir que o contexto histórico e social da época determinava o modo como o HIV/Aids era pensado e conceituado por todas as pessoas.

Primeiramente, a reportagem traz como personagens profissionais de saúde como médicos e enfermeiros. Já nas últimas páginas, a história e a rotina de pessoas doentes de Aids são mostradas. Nessa situação, é possível perceber que os holofotes se voltam aos hábitos que levaram as pessoas expostas a contraírem o vírus HIV. Sontag (2007) explica que, na sociedade moderna, as pessoas buscam alguém para culpar. No caso das doenças, os culpados são, muitas vezes, os próprios doentes. Com o HIV/Aids, isso ocorre de forma mais acentuada, já que “o comportamento perigoso que produz a Aids é encarado como algo mais do que fraqueza. É irresponsabilidade, delinquência –

o doente é viciado em substâncias ilegais ou sua sexualidade é considerada divergente” (SONTAG, 2007, p. 57).

Na tabela 1, estão listadas todas as metáforas militares e todas as metáforas que estabelecem uma relação – direta ou indireta – entre HIV/Aids e morte encontradas na reportagem.

**Tabela 1** – Metáforas militares e metáforas e expressões que relacionam doença e morte presentes na reportagem da revista Veja (1988).

1) Metáforas militares	2) Metáforas e expressões que relacionam doença-morte
1-a) “[...] mascote entre os <i>condenados</i> ” (p. 66)	2-a) “ <i>Morrendo aos poucos a cada dia</i> ” (p. 66)
1-b) “[...] aguarda o momento de <i>destruir</i> suas defesas [...]” (p. 66)	2-b) “[...] <i>roubar-lhe a saúde e a vida</i> ” (p. 66)
1-c) “[...] o grande pavilhão dos <i>humilhados da Aids</i> [...]” (p. 66)	2-c) “Eles podem <i>perder a esperança de viver</i> [...]” (p. 67)
1-d) “Por <i>acometer</i> um número maior de <i>homossexuais e viciados em drogas</i> [...]” (p. 67)	2-d) “[...] conviver com gente jovem <i>condenada à morte</i> ” (p. 69)
1-e) “Aprendemos a <i>lutar</i> contra a morte e nossa <i>luta</i> agora é contra o tempo” (p. 68)	2-e) “[...] que faz a vida ser vista <i>da perspectiva da morte</i> [...]” (p. 69)
1-f) “Os pacientes de Aids quase sempre <i>sofrem</i> perturbações neurológicas [...]” (p. 68)	2-f) “[...] no ambiente de <i>morte adiada</i> do Emílio Ribas” (p. 70)
1-g) “[...] a droga clássica no <i>combate</i> a um dos mais persistentes <i>males</i> associados à Aids [...]” (p. 68)	2-g) “[...] só porque sei que meu paciente <i>vai morrer</i> ” (p. 70)
1-h) “Porque os pacientes aidéticos quase sempre estão <i>acometidos</i> de violentas disenterias [...]” (p. 68)	2-h) “É difícil aceitar que <i>vou perder isso tudo</i> a qualquer momento” (p. 72)
1-i) “[...] durante sua <i>luta</i> contra a doença” (p. 70)	2-i) “Aquele hospital, [...] parece um <i>cemitério vivo</i> ” (p. 72)

1-j) “[...] tem preferido <i>lutar</i> pela vida no anonimato [...]” (p. 72)	2-j) “O <i>convívio com a morte</i> tem feito [...]” (p. 73)
1-k) “Ele <i>sofreu</i> uma pneumonia [...]” (p. 72)	2-k) ““Nossa vida <i>está no fim</i> ”” (p. 74)
1-l) “[...] um jovem <i>agonizava</i> ” (p. 73)	2-l) ““[...] senão não <i>morro</i> em paz” (p. 74)
1-m) “Além do dinheiro minguado para <i>enfrentar o abismo</i> [...]” (p. 74)	2-m) ““Não quero que meus filhos me vejam <i>morrer</i> ” (p. 75)
1-n) “[...] foi <i>abatido</i> pela Aids” (p. 75)	2-n) ““Quando soube, pensei em <i>me matar</i> . [...] Acho que só estou <i>adiando</i> isso” (p. 75)
1-o) “[...] ele foi <i>acometido</i> de um violento desarranjo intestinal” (p. 75)	2-o) ““Já disse para o meu pai que ele pode <i>preparar o caixão</i> ”” (p. 76)

**Fonte:** Os autores. Grifos nossos.

Na coluna referente às metáforas militares, é possível perceber o uso de diversas palavras extraídas de um contexto de guerra. Existem, ainda, vocábulos que, apesar de pertencerem a outro campo semântico, são incorporados e utilizados com frequência no contexto bélico. Quando essas metáforas são transferidas para o contexto de uma determinada doença, o HIV/Aids neste caso, elas têm poder para motivar o imaginário de quem as lê a estreitar a relação entre enfermidade e morte, que está expressa na coluna da esquerda.

A doença é, muitas vezes, de acordo com Sontag (2007), vista como um mal pela sociedade. Por extensão, os doentes também são encarados como inimigos, já que configuram potenciais transmissores da enfermidade para outras pessoas. No objeto analisado, os personagens apresentados lutam contra a Aids como um soldado luta contra inimigos em um cenário de guerra. No processo, tanto da Aids quanto da guerra, o doente - ou soldado - sofre, resiste, agoniza e, ao fim, morre. Toda a narrativa da reportagem é permeada pela presença dessas metáforas bélicas.

### Considerações finais

Sontag (2007) argumenta que as metáforas militares não devem ser utilizadas para se referir a doenças porque elas têm o poder de motivar o imaginário social e, assim, a doença e o doente são transformados em potenciais inimigos. A autora afirma

---

ainda que, mais do que evitar o uso, as pessoas devem atacar e desmascarar as metáforas bélicas, para que todos conheçam os sentidos evocados por ela.

Não estamos sendo invadidos. O corpo não é um campo de batalha. Os doentes não são baixas inevitáveis, nem tampouco são inimigos. Nós – a medicina, a sociedade – não estamos autorizados a combater por todo e qualquer meio... Em relação a essa metáfora, a metáfora militar, eu diria, parafraseando Lucrécio: que a guardem os guerreiros (SONTAG, 2007, p. 87-88).

Como demonstrado neste artigo, as metáforas militares fazem parte da cobertura midiática do HIV/Aids. Apesar da publicação escolhida ser do fim da década de 1980, é possível perceber que, mesmo após 21 anos da publicação da reportagem, os efeitos evocados pela linguagem permanecem na sociedade até os dias atuais, seja em forma de preconceito, de desconhecimento e de estigmatização.

Ao perceber como a escolha do léxico impacta na construção do repertório de uma doença, o jornalista deve estar sempre atento às palavras que decide usar em seu texto. Atualmente, o profissional de imprensa pode lançar mão de diversos recursos que facilitam a exclusão do uso das metáforas bélicas. É possível, por exemplo, em casos de dúvidas, que o jornalista pesquise o significado de uma palavra em um dicionário online. Se o efeito evocado pelo vocábulo tiver relação com o contexto de guerra, é preferível que o profissional escolha outra palavra.

A metáfora que mais estou interessada em aposentar, mais ainda depois do surgimento da aids, é a metáfora militar. Sua utilização inversa – o modelo médico do bem-estar público – provavelmente tem consequências ainda mais perigosas e extensas, pois ele não apenas fornece uma justificativa persuasiva para o autoritarismo, como também aponta implicitamente para a necessidade da repressão violenta por parte do Estado (equivalente à remoção cirúrgica ou ao controle químico das partes indesejáveis ou “doentes” do organismo político). Mas o efeito das imagens militares sobre a conceituação da doença e da saúde está longe de ser irrelevante. Elas provocam uma mobilização excessiva, uma representação exagerada, e dão uma contribuição de peso para o processo de excomunhão e estigmatização do doente (SONTAG, 2007, p. 87).

Para que o profissional de imprensa não utilize metáforas militares, é recomendado que, antes da produção do material jornalístico, tenha-se o cuidado para conhecer os conceitos que serão abordados. Para isso, sugere-se a leitura do manual “Aids, leia antes de escrever” (2003), elaborado pelo Ministério da Saúde. Como o material é antigo, recomenda-se, ainda, que o jornalista entre em contato com conceitos

---

mais novos, como os relacionados ao tratamento atual. A pesquisa pode ser feita pela internet em sites como o Unids (em português) e o Prevention Access (em inglês).

## REFERÊNCIAS

REVISTA VEJA. **AIDS: os que vão morrer contam sua agonia.**, Editora Abril, n. 1040, p. 66-76, 10 ago. 1988.

AL-MAGHAFI, Nawal. Como armas químicas ajudaram Assad a estar perto da vitória na Síria. **BBC Brasil**. 16. out. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45816458>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

BRASIL. **Aids, leia antes de escrever**. Ministério da Saúde. 2003. Disponível: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/leia.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2019.

DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

RIBEIRO, Beatriz. **Quando a Veja matou cazuza?** Disponível em: <<https://medium.com/observat%C3%B3rio-de-m%C3%ADdia/quando-a-veja-matou-cazuza-15933a4f909a>>. Acesso em: 16 set. 2018.

SOARES, Marcelo. **A aids**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPINK *et al.* A construção da aids-notícia. **Caderno de saúde pública**, Rio de Janeiro, jul.-ago. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csp/2001.v17n4/851-862/pt>>. Acesso em: 16 set. 2018.

THE ARCHIVE for research in archetypical symbolism. **O livro dos símbolos: reflexões sobre imagens arquetípicas**. Köln: Taschen, 2012.

REVISTA VEJA. **Uma vítima da aids agoniza em praça pública**. Editora Abril, n. 1.077, p. 80-87, 26 abr. 1989.

UNAIDS. **Estatísticas globais sobre HIV 2017**. 2018. Disponível em: <[https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/07/2018\\_07\\_17\\_Fact-Sheet\\_miles-to-go.pdf](https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/07/2018_07_17_Fact-Sheet_miles-to-go.pdf)>. Acesso em: 06 ago. 2018.